

Hospital de Base é o primeiro público do DF autorizado a realizar cirurgia contra a doença. E pode fazer uma operação por semana

Epilepsia controlada

HELENA MADER

DA EQUIPE DO CORREIO

As crises convulsivas interromperam a vida profissional do digitador Orlando Pereira do Nascimento, de 46 anos. Funcionário do Ministério do Exército, ele precisou se aposentar por invalidez por causa da epilepsia. Os ataques preocupavam a família e envergonhavam Orlando. Mas dez anos depois do diagnóstico, ele superou a doença: Orlando é o primeiro paciente com epilepsia operado na rede pública do Distrito Federal. A cirurgia, realizada no dia 19 de abril, foi um sucesso, de acordo com os médicos que realizaram o procedimento.

O Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF) recebeu o credenciamento do Ministério da Saúde para realizar cirurgias em pacientes epiléticos no dia 22 de março. A rede pública do Distrito Federal é a quinta do país autorizada a fazer a operação, considerada de alta complexidade. Em Brasília, apenas o Hospital Santa Luzia, da rede privada, realizava esse tipo de procedimento em pacientes com epilepsia de difícil controle. Com o credenciamento, o HBDF pode realizar uma cirurgia por semana.

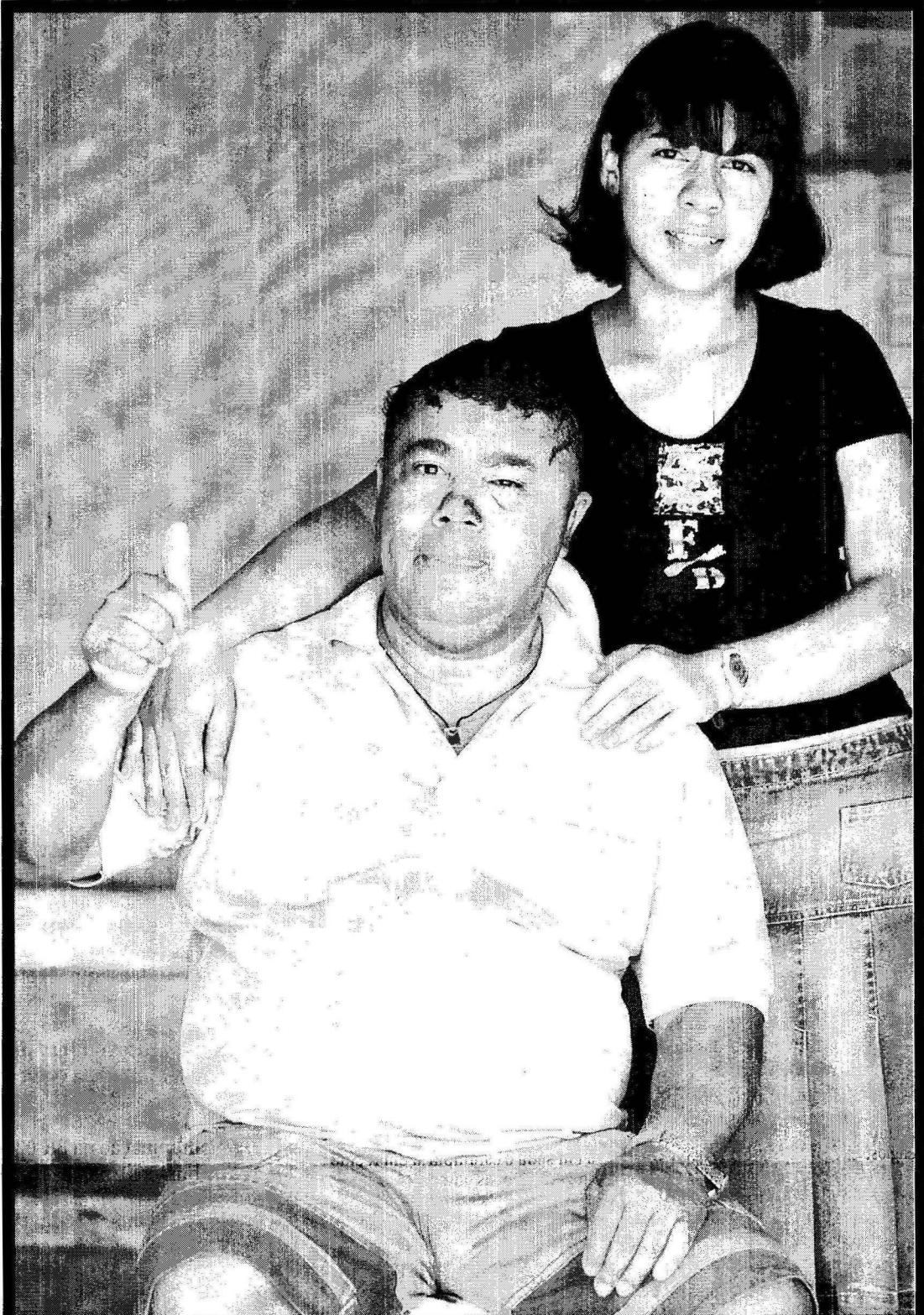
Orlando do Nascimento tinha crises convulsivas diariamente, mas desde a cirurgia não experimentou mais essa desagradável sensação, que o perseguia há anos. A recuperação rápida animou os pais e a filha do paciente, Sheila, de 19 anos. Apesar do sucesso, os médicos lembram que a cirurgia melhora muito a qualidade de vida dos epiléticos, mas não significa a cura definitiva da doença. A maioria dos pacientes ainda precisa tomar medicamentos para controlar o mal.

Futuro

Três semanas depois da cirurgia, Orlando está na casa dos pais, em Ceilândia. Ele chora ao contar que a doença quase arruinou sua vida. "Muitas vezes eu tive crises convulsivas no meio da rua e, em vez de me ajudar, tinha gente que aproveitava para me assaltar", lembra o digitador. Ele diz que se escondia nos banheiros do Ministério do Exército quando sentia que as crises iam começar. "Tinha vergonha e medo do preconceito dos colegas de trabalho. Não queria que ninguém soubesse", revela emocionado.

A mãe, Júlia Pereira do Nascimento, de 69 anos, sofria junto com o filho. Durante as crises de automatismo, quando o epilético age involuntariamente, ela viu Orlando derrubar uma panela com água quente sobre o próprio corpo ou engolir pequenos objetos, como moedas. "Eu passava os dias e as noites preocupada com ele. Tinha medo do pior acontecer durante uma de suas crises", conta Júlia.

Cadu Gomes/CB/25.4.05



ORLANDO DO NASCIMENTO, AO LADO DA FILHA SHEILA: PRIMEIRO PACIENTE A SER OPERADO NO HBDF

O Hospital de Base está autorizado a realizar o procedimento cirúrgico apenas em pacientes com epilepsia de difícil controle, para quem os medicamentos não surtem mais efeitos. Durante a cirurgia para o tratamento da doença, a parte do cérebro responsável pelas crises é removida. A estimativa da Secretaria de Saúde do Distrito Federal é que existam 20 mil pessoas em Brasília atingidas pelo mal.

O neurocirurgião Kunio Sasaki, que participou da operação de Orlando Pereira, explica que a cirurgia é complexa, recomendada apenas para pessoas com epilepsia do lóbulo temporal, o que representa cerca de 10% dos atingidos pela doença. "A cirurgia melhora o quadro da epilepsia e em alguns casos o paciente pode suspender a medicação", explica.

O digitador Orlando ainda

não se recuperou completamente da operação, mas já pensa no futuro. Os sonhos de tirar carteira de motorista e cursar uma faculdade voltam a fazer parte de sua vida. "Quero dirigir, ser mais independente e nunca mais dar trabalho à minha família. Sempre quis concluir um curso superior e melhorar de vida. Penso em fazer Direito."

Preconceito

De acordo com a Associação Brasileira de Epilepsia, 1% da população tem a doença, que é causada por lesões no cérebro, infecções ou abuso de bebida. As crises convulsivas são a manifestação mais comum da doença, mas alguns pacientes têm períodos de ausências, conhecidos como crise de automatismo. O doente tem movimentos involuntários e ati-

tudes incompreensíveis.

A epilepsia ainda é uma doença desconhecida, o que aumenta o preconceito contra quem sofre do mal. Para esclarecer dúvidas e desfazer mitos relacionados às crises convulsivas, um grupo de epiléticos de Brasília se uniu há cerca de oito anos. A Associação de Epiléticos do Distrito Federal surgiu como instrumento de luta e como forma de acabar com o preconceito.

O técnico em agropecuária Wesley Nunes, de 38 anos, coordena as atividades da associação desde sua fundação. Ele garante que às vezes os epiléticos sofrem com a desinformação dentro da própria casa. "Já vi casos de pessoas discriminadas pelos pais. Há famílias que separam talheres e roupas de cama, achando que a doença é contagiosa", lamenta Wesley.